

# Carinho, homenagem de São Paulo

A maior homenagem que São Paulo poderia prestar ao presidente Tancredo Neves já aconteceu: o carinho e as manifestações populares, que o cercaram desde o momento em que chegou à cidade até aquele em que partiu, para nunca mais voltar. A afirmação é do prefeito Mário Covas, que, oportunamente e em nome da prefeitura, homenageará oficialmente o presidente. São Paulo foi o último lugar em que ele esteve e uma série de homenagens está sendo estudada, sem que se saiba a sua natureza exata. As atividades municipais estão suspensas e o prefeito não soube informar quando serão reiniciadas.

Quanto à vida nacional, Covas confessou seu destemor, na medida em que existe disponível todo um instrumental de legalidade, ao lado da demonstração de maturidade do povo. "Cumpra, agora, até para honrar o legado que ele nos transmitiu e o sacrifício que se impôs, prosseguir na travessia, em busca das tantas transformações que o anseio de liberdade política, o senso de justiça social e a vocação democrática dos brasileiros reclamam. Cumpra lembrar que foram necessárias duas décadas, ou foram cinco séculos, para que pudéssemos chegar até aqui. Para que o povo brasileiro pudesse atingir o grau de consciência coletiva e mobilização política que hoje o preserva das investidas dos que se obstinam em dividi-lo, confundir-lo e intimidá-lo para tentar deter o avanço de suas instituições políticas e sociais."

Covas expressou o sentido da fal-

ta de Tancredo Neves no panorama político brasileiro e ao mesmo tempo a esperança no futuro, "sob pena de falirmos como povo e decarmos como Nação". Sobre o sentido da homenagem ao presidente, a lembrança de que São Paulo foi o "último pedaço de chão que Tancredo Neves pisou". Para Covas, São Paulo se entristece por isso, "mas se orgulha de ter feito, enquanto ele esteve em suas mãos, tudo o que era humanamente possível pensar e fazer, para devolver à vida e à Nação seu mais amado e eminente compatriota". O eminente compatriota que "viu emergir das ruas a legitimidade de sua delegação, não precisando sequer tocar o poder para restituir-lhe a credibilidade pública, para redimi-lo da indignidade do arbítrio e para reabilitá-lo aos olhos da civilização".

A exemplo das atividades nas repartições municipais, o Palácio dos Bandeirantes também registrou um esvaziamento, sem que acontecessem movimentos de políticos ou populares. Os telefones do palácio não pararam de tocar desde o momento em que foi anunciado o falecimento do presidente Tancredo Neves, domingo à noite. Mas, na sede do governo paulista, encontravam-se apenas funcionários de plantão e integrantes da Casa Militar. O governador Franco Montoro foi chamado ao Instituto do Coração às 20 horas, prevenido-se a sua permanência até depois de fazer seu pronunciamento, quando retornaria ao palácio e se recolheria à ala residencial, preparando-se então para chefiar o cortejo fú-

nebre em São Paulo e seguindo para Brasília.

Nos últimos dias, Montoro pouco descansou, permanecendo sempre próximo a um telefone, em busca de informações. Durante todo o tempo em que o presidente Tancredo Neves permaneceu hospitalizado, o governador, responsável pelo lançamento de sua candidatura à Presidência da República, não conseguiu esconder a sua preocupação. Recentemente, com o agravamento da doença, ele se trancou em seu gabinete, deixando-o raramente. O abatimento e o cansaço eram visíveis, mas Montoro sempre procurou transmitir otimismo e esperança, mesmo nos piores instantes, oferecendo até os palácios do governo paulista para a recuperação do presidente.

O vice-governador Orestes Quéricia acredita que Tancredo Neves gostaria que se encarasse o momento com muita esperança. "Nós vamos seguir à risca o seu otimismo, a sua força e o seu patriotismo, e vamos construir um país melhor, baseados na sua experiência de homem público e naquilo que ele deixou como orientação para a construção da Nova República." Quéricia enfatizou o aspecto municipalista do presidente — o vice-governador é um dos condutores da bandeira do municipalismo —, um dos mais autênticos que o País já teve. "Ele estava convencido que os países que mais se desenvolveram no mundo, como o exemplo norte-americano, inspiraram-se num municipalismo muito forte, onde o poder local tinha condições de se desenvolver melhor."